

GUERRA NO NOROESTE DO PAQUISTÃO

Laurindo Paulo Ribeiro Tchinama¹

Beatriz Paiva Fantinel²

Heitor Cassiano Senra Neves³



Fonte: PAKISTAN... (2014).

Após os atentados de 11 de setembro de 2001 da Al-Qaeda contra os Estados Unidos, a política externa de segurança norte-americana se concentrou no combate de grupos terroristas. No mesmo ano, por exemplo, ocorreu o início da invasão dos Estados Unidos e seus aliados no Afeganistão, sendo o objetivo desmantelar o governo do Talibã – grupo fundamentalista islâmico que estava no poder do país desde 1996 e era acusado de manter relações com a Al-Qaeda. O transbordamento (*spillover*) dessa invasão fez com que no país vizinho, o Paquistão, historicamente alinhado à política externa dos Estados Unidos, acontecesse um fortalecimento das ações do Talibã, fugidos do Afeganistão, principalmente nas áreas tribais ao norte do país, o que levou o governo central paquistanês a empreender diferentes campanhas militares na região em combate aos

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais “San Tiago Dantas” (UNESP, UNICAMP, PUC-SP), na área de Paz, Defesa e Segurança Internacional, com pesquisa financiada pela CAPES. É membro do Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional (GEDES) e da Rede de Pesquisa em Paz, Conflitos e Estudos Críticos de Segurança (PCECS). E-mail: laurindoprt@gmail.com.

² Graduanda em Relações Internacionais pela Unesp e membro do Observatório de Conflitos do GEDES. E-mail: beatriz.fantinel@unesp.br.

³ Graduando em Relações Internacionais pela Unesp e membro do Observatório de Conflitos do GEDES. E-mail: heitor.neves@unesp.br.

fundamentalistas. O resultado dessa movimentação foi um violento conflito armado que perdurou por 15 anos no noroeste Paquistão e a completa desestabilização social, econômica e política da região.

A formação do Paquistão enquanto Estado remonta ao período pós-Segunda Guerra Mundial (1939-1945), no contexto do processo de independência da Índia britânica⁴. Inicialmente, o país foi criado na forma de dois territórios (Paquistão Oriental e Paquistão Ocidental), compostos majoritariamente por muçulmanos, ao leste e noroeste da Índia (de maioria hindu). Tal divisão foi formulada levando em consideração que a parcela do Império Britânico, que compreendia o subcontinente indiano, era marcada por uma diversidade de religiões e culturas, com destaque para os muçulmanos e hindus. Posteriormente, já na década de 1970, após a guerra de independência contra a parte ocidental, o Paquistão Oriental se tornou uma nação independente, passando a se chamar Bangladesh (BERNUCCI, 2018).

Para compreender o conflito no noroeste paquistão, é preciso analisar as relações políticas e culturais estabelecidas ao longo dos anos pelos governos do Paquistão e do Afeganistão. Na década de 1890, os britânicos forçaram os afegãos a estabelecerem um limite fronteiriço entre o Afeganistão e os domínios britânicos no subcontinente indiano, que ficaria conhecido como Linha Durand. Atualmente, tal limite determina as fronteiras entre os dois países e apesar de não ser reconhecido pelo governo de Cabul, permanece intocável pelos paquistaneses. Para o escopo deste trabalho, interessa-nos entender como a imposição de tal fronteira dividiu a tribo dos *pashtuns* em dois países diferentes e que, apesar disso, ainda mantém vínculos históricos e culturais muito fortes e o compartilhamento de vivências e visões de mundo. Assim, a manutenção dos laços entre essas duas populações foi um fator que facilitou a penetração do Talibã nas áreas tribais paquistanesas, uma vez que, como será abordado posteriormente, é o principal grupo étnico que compõe essa região bem como integra as fileiras do grupo extremista.

No contexto da Guerra Afegã-Soviética, o governo paquistão manteve laços amistosos com os *mujahideen* (do árabe que significa combatente “que se empenha na luta” – *jihad*). Postura alinhada também ao próprio governo norte-americano em relação ao conflito, em especial com o grupo que viria a se estabelecer como Talibã, chegando a fornecer auxílio financeiro e militar ao movimento durante muitos anos (ZAGO, 2009). A guerra se iniciou com a invasão soviética no Afeganistão em 1979, em um contexto em

⁴ O domínio colonial britânico no subcontinente indiano que compreendia os territórios atuais de Índia, Paquistão, Bangladesh (ex-Paquistão Oriental) e Myanmar (antes chamado de “Birmânia”).

que a União Soviética temia que a Revolução Iraniana, de caráter declaradamente religioso e anticomunista, chegasse ao Afeganistão e, conseqüentemente, nas demais áreas de maioria muçulmana. O Exército Vermelho capturou áreas urbanas, estradas e redes de comunicação, “empurrando” os combatentes para as montanhas. Ao mesmo tempo que o caráter ateu ou ortodoxo do invasor deu ao conflito a caracterização de uma *jihad*, ou guerra santa, para os muçulmanos.

Dessa forma, os guerrilheiros se uniram sob o nome de “*mujahideen*”, financiados, em grande parte, pelos Estados Unidos (como estratégia contra a invasão soviética no Afeganistão), que também contribuíram para a guerra através do fornecimento de material bélico e treinamento. Além disso, os *mujahideen* também conseguiram armas por meio de um esquema de contrabando por intermédio do Paquistão. A “*jihad* declarada” também atraiu combatentes de outros países da região, como o jordaniano Abu Musab al-Zarqawi e o saudita Osama bin Laden, futuros fundadores dos grupos fundamentalistas islâmicos Estado Islâmico e al-Qaeda, respectivamente. Com o fim da guerra e retirada das tropas soviéticas, a partir do final da década de 1980, seguiu no país a instauração de um conflito civil. O Talibã, uma das divisões dos antigos *mujahideen*, empreendeu uma luta armada contra o governo instituído. Como resultado, o grupo conseguiu dominar uma relevante porção territorial do país, incluindo a capital, Cabul, e chegou a executar o então presidente, Mohammed Najibullah, declarando um emirado islâmico.

O atentado terrorista ao World Trade Center e ao Pentágono, nos Estados Unidos, em 2001, arquitetado pela rede jihadista internacional al-Qaeda, motivou o então presidente norte-americano, George W. Bush, a adotar uma política externa de segurança fundamentada no princípio de intervenção militar direta em países que apoiassem, financiassem ou servissem como “base para planejamento” de futuros ataques terroristas e que, conseqüentemente, colocassem em jogo a segurança e estabilidade do sistema internacional. No mesmo ano, teve início a invasão no Afeganistão, então sob governo do Talibã, acusado de prestar apoio à al-Qaeda e de acobertar um dos fundadores do grupo extremista e mentor dos ataques, Osama bin Laden. Nos anos seguintes, a ordem geopolítica do país foi alterada pela interferência norte-americana, sendo uma das principais conseqüências o fortalecimento do jihadismo e o enfraquecimento dos governos locais (BOSERUP *et al.*, 2017).

Dessa forma, a invasão norte-americana no Afeganistão fez com que parte dos guerrilheiros do Talibã se refugiassem no Paquistão, principalmente nas áreas ao noroeste do país, com destaque para as porções norte e sul do Waziristão, província que integra o

Território Federal das Áreas Tribais (FATAs, em inglês). Esta subdivisão administrativa do país não pertence a nenhuma província paquistanesa e de controle apenas nominal por parte do governo central, gozando de efetiva autonomia. Estima-se que apenas 38% da Província da Fronteira Noroeste e das regiões em sua proximidade encontram-se sob domínio do governo paquistanês (ZAGO, 2009). Como dito anteriormente, o principal grupo étnico que compõe a região são os *pashtuns*, uma população tribal dividida entre o Paquistão e o Afeganistão.

O grupo adota práticas econômicas e um estilo de vida essencialmente agrário e é de maioria muçulmana sunita, sendo uma pequena parcela xiita. A relação entre a etnia e o Talibã é profunda, uma vez que ela é a principal integrante do movimento (ZAGO, 2009). Além disso, o contingente de pessoal do Talibã é, em grande parte, formado por indivíduos de nacionalidade paquistanesa, ou por homens que possuíram relações com o Paquistão ao longo de sua vida. Em virtude disso, a partir de 2004 o Talibã passou a se reestruturar dentro do Paquistão, sendo que, em 2009, a atuação do grupo se tornou mais marcante, atraindo uma resposta por parte das Forças Armadas do Paquistão, que começaram a travar uma verdadeira guerra contra o movimento e pelo controle de territórios. Essa resposta agressiva por parte do governo paquistanês em relação ao seu antigo aliado se justificou pelo alinhamento da política externa paquistanesa com a política externa estadunidense na região, considerando o Paquistão um elemento-chave no combate ao terrorismo internacional (ZAGO, 2009).

Dentre as características das regiões tribais paquistanesas que favoreceram a instalação e organização do Talibã entre as populações locais, pode-se citar a situação econômica em deterioração, entendida como uma motivação recorrente para os conflitos violentos (SHAKIRULLAH *et al.*, 2020). Os indicadores socioeconômicos, que incluem a taxa de alfabetização, saúde e educação, são menores nas áreas tribais do que em comparação com as médias nacionais. Ademais, antes da junção das áreas tribais com a Província da Fronteira Noroeste, não havia qualquer forma de polícia ou sistema legal que pudesse operar a manutenção eficiente da justiça na região, fato que, por sua vez, pode ser relacionado com a prevalência de conflito violento na área estudada.

Pobreza extrema, desemprego, defasagem na oferta de serviços básicos, como saneamento e transporte, baixíssimas taxas de escolaridade e ausência de conscientização política são todos fatores que levaram as populações locais a acolherem os militantes do Talibã (SHAKIRULLAH *et al.*, 2020). Os autores destacam que dentre outras causas, esses foram os fatores que mais influenciaram a erupção do conflito violento na região.

Desde a fundação do Paquistão em 1947, as comunidades locais estiveram sob o controle de três forças políticas: o *Mullah*⁵, o *Malik*⁶ e o Agente Político (atual Deputado Comissionado de um distrito tribal)⁷, que induziram e afetaram as vidas das comunidades locais através de interferência direta em questões de sobrevivência. Os autores ainda pontuam que as comunidades locais seguiam essas três forças por desconhecerem os seus direitos e deveres, sendo deliberadamente mantidos nesse estado pelas instituições estatais. As comunidades do Waziristão do Norte têm um acesso limitado aos direitos humanos fundamentais e completa ausência de liberdade de expressão, além de sistemas de educação e saúde precários, sendo que a posição do governo paquistanês é de completo desinteresse em empoderar as comunidades locais nas áreas tribais (SHAKIRULLAH *et al.*, 2020).

Conforme Shakirullah *et al.* (2020), quatro tipos de indivíduos foram principalmente influenciados e atraídos pela militância fundamentalista islâmica no Waziristão do Norte: os analfabetos, os “ignorantes” (termo aqui empregado na concepção definida pelos autores daqueles indivíduos com ausência de consciência política e baixa taxa de escolaridade) e os jovens desempregados, foram facilmente convencidos pela retórica religiosa dos militantes; os fracos e sem poder, com um *status* socioeconômico baixo entre os membros de suas comunidades, e que se juntaram à militância por não terem qualquer outro meio de subsistência e poder; uma fração menor de indivíduos que apoiavam sinceramente a *jihad* e não tinham qualquer interesse oculto, sendo pessoas com um taxa de escolaridade relativamente superior à média da população e prontas para morrer pela causa; e, por último, criminosos e indivíduos com dívidas com os membros tribais, que se juntaram ao Talibã como forma de se protegerem de vinganças de seus inimigos e do governo (SHAKIRULLAH *et al.*, 2020).

A inserção do Talibã nas comunidades locais, em um primeiro momento, se fez sentir por meio da imposição de um senso de justiça em uma região até então marcada pela ausência de quaisquer estruturas ou códigos legais que fizessem com que a justiça fosse aplicada. Gradualmente, o Talibã se apropriou das questões locais substituindo o sistema *Jirga* pela sua *shurah* (conselho de clérigos religiosos), onde as disputas eram rapidamente resolvidas, gratuitamente e na maioria das vezes atendendo às expectativas

⁵ Título geralmente usado para se referir a um homem muçulmano, educado na teologia islâmica e na lei sagrada (*sharia*).

⁶ Palavra árabe que pode ser traduzida para algo semelhante a “rei” ou “chefe”, usada para designar um tipo específico de chefe político.

⁷ Cargo político adotado dentro da Província da Fronteira Noroeste (*Khyber Pakhtunkhwa*).

das partes (SHAKIRULLAH *et al.*, 2020). Dessa forma, o Talibã ganhou a confiança das comunidades locais em um período muito curto, entre 2005 e 2006, fazendo com que a maioria da juventude local, em particular, se inspirasse e aderisse ao movimento fundamentalista. Posteriormente, o grupo passou a mediar os conflitos com o uso da força, sendo que a maioria dos casos era resolvida de forma enviesada ou apressada, conforme o Talibã passou a aceitar subornos das partes envolvidas (SHAKIRULLAH *et al.*, 2020). Nesse ponto, as comunidades locais se encontravam impossibilitadas de reverter a conjuntura, visto que o Talibã havia se tornado tão poderoso que ninguém poderia influenciá-lo ou desafiá-lo.

Cabe destacar também o papel da religião no conflito, dado que a cultura jihadista e a retórica religiosa, além das inspirações dos indivíduos em relação a esses dois elementos, foram habilmente manipulados pelo Talibã para fortalecer o caráter fundamentalista do movimento (SHAKIRULLAH *et al.*, 2020). Nesse sentido, por exemplo, as histórias de guerrilheiros do Talibã, em particular mortos no Afeganistão, foram glorificadas e propagadas por diversos meios de comunicação, como forma de alcançar a maior audiência possível. O único entretenimento permitido pelos militantes na região era a reprodução das centenas de poemas épicos glorificando a luta contra os Estados Unidos, a Organização do Tratado do Atlântico Norte e as forças de segurança afegãs no país.

É importante destacar ainda que a política paquistanesa é marcada pela negligência e pela instabilidade, principalmente em relação à manutenção das áreas tribais, verificável na ausência de direitos políticos entre as populações tribais. Dessa forma, a instauração de um senso de justiça e a promoção de serviços básicos pelos talibãs foi amplamente acolhida pelas populações tribais. Por fim, a cultura local e as tradições dos povos tribais da região operam um papel na inserção do Talibã entre a população local, já que os códigos tribais, em destaque o *Pashtunwali*, determinam uma série de comportamentos de hospitalidade e recepção, além de impor uma obrigação absoluta de vingança contra qualquer tipo de opressão cometida contra a população tribal. Todos esses fatores combinados resultaram em uma conjuntura de frustração e radicalização das populações tribais.

É importante destacar, ainda, alguns dos dados que resultam da Guerra no Noroeste do Paquistão. Segundo informações divulgadas pela Autoridade de Gestão do Distrito de FATA (FDMA, em inglês), o número de pessoas deslocadas internamente do Waziristão do Norte é em torno de 800 mil (KHALID; NAVEED, 2014), sendo que

muitas delas fugiram para o distrito vizinho de Dera Ismail Khan (AS DEZ..., 2009). Já em relação aos mortos, estima-se um número maior do que sete mil pessoas⁸, no período de 2002 a 2004, no início da “Guerra contra o Terror”, enquanto no período de 2004 a 2014, esse número era de três mil (HUNTER, 2014). Sobre isso, destaca-se que a morte de milhares de membros das tribos que não puderam deixar a região, principalmente mulheres, crianças e jovens, foi recorrentemente justificada como um “dano colateral do conflito” (KHAYYAM, 2016).

Ainda em relação ao número de mortos, é válido salientar que, no período em que o sentimento antissoviético se transformou num sentimento antitalibã, resultando numa desconfiança entre os *pashtuns* de forma geral, centenas de chefes tribais foram mortos e vários outros foram coagidos a fugir (KHAYYAM, 2016). Aqueles que conseguiram se deslocar durante a guerra, ao retornarem para sua terra natal tribal, sentem-se como refugiados em seu próprio território porque estão sob controle de outras lideranças. No Waziristão, a cultura e os valores das tribos locais foram arruinados pelo Talibã e pelo governo paquistanês, devido às políticas e aos anos de guerra (KHAYYAM, 2016).

A partir do que foi exposto, coteja-se que a Guerra no Noroeste do Paquistão é um conflito intraestatal com envolvimento estrangeiro. Essa classificação é atribuída aos conflitos que ocorrem entre forças armadas organizadas nas fronteiras de um determinado Estado, em que uma das partes envolvidas (ou ambas) recebe o apoio de outros governos que possuem participação ativa, como, por exemplo, financeiros, militares e outros (SAMBANIS, 2004; SANTOS, 2011). Além disso, como visto em Khalid e Naveed (2014), a situação no Waziristão se insere na categoria de conflito de poder, que ocorre quando cada parte, sejam Estados, indivíduos ou grupos, têm o intuito de manter poder máximo.

Após anos de campanhas militares sangrentas na região, parece ter terminado o conflito no Waziristão do Norte, agora sob dominação efetiva do Exército Paquistanês (BERNETT-JONES, 2017). Pode-se notar que o principal saldo desse conflito é a destruição da infraestrutura civil nas áreas tribais, como, por exemplo, vilas que foram reduzidas a escombros. Além disso, podem-se somar as perdas humanas e o êxodo forçado de paquistaneses. Todavia, o Exército Paquistanês assumiu o compromisso de

⁸ Informação preenchida com base no período de 2002-2011 e com a aplicação dos seguintes filtros: confronto armado, violência contra civis (rapto/desaparecimento forçado, ataque, violência sexual) e explosão/violência remota (golpe aéreo/drone, arma química, granada, explosivo remoto/mina terrestre/IED, bombardeio/artilharia/ataque de mísseis e bomba suicida); FATA no Paquistão; atores: forças do Estado, forças rebeldes, milícias políticas, identidade de milícias, forças externas/outras forças; todos os tipos de interação.

reconstruir a infraestrutura como forma de atrair a população de volta às suas vilas, com projeto que compreende a construção de novas estradas, escolas e hospitais. Por fim, vale ressaltar que, apesar desses esforços de manutenção da paz na região, muitos militantes jihadistas fugiram pela fronteira com o Afeganistão, de onde passaram a operar ataques nas áreas tribais.

REFERÊNCIAS

- AS DEZ Maiores Crises Humanitárias de 2009. Médicos Sem Fronteiras, 2009. Disponível em: <https://www.msf.org.br/noticias/dez-maiores-criSES-humanitarias-de-2009>. Acesso em: 11 dez. 2021. TMG Editor. 30,000 flee Pakistan offensive against Taliban.
- BERNETT-JONES, Owen. North Waziristan: What happened after militants lost the battle? **BBC News**. 08 mar. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-39191868>. Acesso em abr. de 2022.
- BERNUCCI, Mariana Neto. **O Paquistão**: sua formação, sua organização estatal e seu conflito (caso Caxemira). In: V Encontro de Pesquisas Históricas, **Anais Eletrônicos** [...]. Porto Alegre: Anais do 5º Encontro Brasileiro de Integridade da Pesquisa, e Ética na Ciência e Publicação, 2018. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolive/anais/ephis/assets/edicoes/2018/arquivos/35.pdf>. Acesso em abr. de 2022.
- BOSERUP, Rasmus Alenius *et al.* **New conflict dynamics**: Between Regional Autonomy and Intervention in the Middle East and North Africa. Copenhagen: Danish Institute for International Studies, 2017.
- HUNTER, Jane. 10 years on: the US covert drone campaign in Pakistan. **Action on Armed Violence**. 18 jun. 2014. Disponível em: <https://aoav.org.uk/2014/10-years-us-covert-drone-campaign-pakistan/>. Acesso: jul. de 2022.
- KHALID, Iram. NAVEED, Arooj. Conflict in Waziristan. **South Asian Studies**, v. 29, n. 2, p. 559-582, 2014.
- KHAYYAM, Umer. Waziri culture and pashtun tribal governance system: a missing link to halt the deadliest war in wild Waziristan. **Asian Journal of Social Sciences & Humanities**, v. 5, n. 1, p. 144-158, 2016.
- PAKISTAN: North Waziristan strike kills 'kill 60 militants'. **BBC News**. 21 maio 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-27498280>. Acesso em mar. de 2022.
- SAMBANIS, Nicholas. What is Civil War? Conceptual and empirical complexities of an operational definition. **The Journal of Conflict Resolution**, v. 48, n. 6, p. 814-858, 2004.
- SANTOS, L. I. V. G. *A arquitetura de paz e segurança africana*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.
- SHAKIRULLAH *et al.* The Underlying Causes of Violent Conflict in the North Waziristan Tribal Areas of Pakistan. **Civil Wars**, v. 22, n. 1, p. 114-136, 2020.

ZAGO, Evandro Farid. Noroeste paquistanês em crise: a Guerra contra o Terror e o avanço do Talibã. **Meridiano 47**, n. 107, p. 32-33, 2009.